

Coronavírus: análise verbal e imagética das desigualdades de gênero em relação à mulher durante a pandemia

Janete Monteiro Garcia¹

Resumo: O presente artigo traz uma análise discursiva sobre as desigualdades de gênero em relação à mulher durante a pandemia. O corpus é composto por Jornais Digitais como Correio Braziliense, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Portais UOL e G1, dos meses de março a agosto de 2020. A pergunta da pesquisa é: quais isotopias (Fiorin, 2016, p. 112) são identificadas na mídia que reproduzem e fortalecem a cultura do sexismo? Temos duas hipóteses: (i) que por meio de uma cultura denominada “patriarcal”, (Cf. Biroli, 2016) são manifestados papéis temáticos (Cf. GREIMAS e COURTÉS, 2008, p.496) da mulher como serviçal; (ii) se por um lado os discursos das mídias mostram tais problemas, por outro, em determinados momentos reforçam esse tipo de padrão. Utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da semiótica de Algirdas J. Greimas; Buscamos ainda conceitos de Ideologia, Representação Social e Gênero em John B. Thompson (1990), Serge Moscovici (1978) e Flávia Biroli (2016).

Palavras-chave: Semiótica, Análise do Discurso, Mulher, Pandemia, Coronavírus.

Abstract: This article provides a discursive analysis of gender inequalities in relation to women during the pandemic. The corpus is composed of Digital Newspapers such as Correio Braziliense, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Portals UOL and G1, from March to August 2020. The research question is: which isotopias (Fiorin, 2016, p. 112) are identified in the media that reproduce and strengthen the culture of sexism? We have two hypotheses: (i) that through a culture called "patriarchal", (cf. Biroli, 2016) thematic roles are manifested (cf. GREIMAS and COURTÉS, 2008, p.496) of women as servants; (ii) if on the one hand media discourses show such problems, on the other hand, at certain moments reinforce this type of pattern. We used the theoretical-methodological framework of the semiotics of Algirdas J. Greimas; We also seek concepts of Ideology, Social Representation and Gender in John B. Thompson (1990), Serge Moscovici (1978) and Flávia Biroli (2016).

Keywords: Semiotics, Discourse Analysis, Women, Pandemic, Coronavirus.

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). A pesquisadora é bolsista da Capes. E-mail: jane_s_monteiro@yahoo.com.br

Introdução:

A pandemia do coronavírus trouxe muitas incertezas, possibilidades de reflexões e maior necessidade de atenção a determinadas problemáticas que estão presentes no cotidiano da sociedade brasileira. Entre elas, o crescimento da desigualdade de gênero e sobrecarga de atividades para a mulher nesse período. De acordo com informações do relatório "Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19" (O Estado de S. Paulo, 2020), divulgado no final de março pela ONU Mulheres, 70% das profissionais que estão à frente dos cuidados de pacientes com Covid, são mulheres; além de não serem remuneradas de forma compatível com as funções desempenhadas, elas integram a força tarefa que será responsabilizada pelos serviços domésticos, de atenção aos filhos que não têm escola ou creche, ou representam a maior parcela de desempregados em meio à crise, por trabalharem em setores mais atingidos. A pesquisa diz respeito a todas as mulheres, em todas as frentes de trabalho: domésticos e profissionais, e seus desafios em comum, intensificados nesta fase da pandemia. Entre uma e outra função que são realizadas por mulheres, incluindo a modalidade de trabalho home office também, em alguns casos, segundo aponta o relatório, elas são “as mais afetadas” pela crise porque estão desempenhando todas as tarefas ao mesmo tempo. A notícia de agosto de 2020: “Sobrecarga atinge mulheres na pandemia deixando-as por um fio”, explícita bem este fato (Correio Braziliense, 2020). A pergunta de pesquisa é: como e quais isotopias (Fiorin, 2016, p. 112) são identificadas no cotidiano midiático que reproduzem e fortalecem simbolicamente a cultura do sexismo? Este pode ser visto apenas como um desafio atual relacionado às mulheres? Se levarmos em consideração pesquisa do Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça (G1, 2019), publicada em 2019, serão necessários no mínimo 100 anos para que a paridade de gênero, em qualquer área, seja atingida, lembrando que esse índice aumenta para mais de dois séculos e meio, quando se trata de questões relativas ao emprego. Logo e de pronto, observa-se que esses dados condizem com a realidade acentuada pela desigualdade de gênero, ativa principalmente nessa época. E é nesse forte elemento empírico que

reside a justificativa deste estudo que tem por objetivo central analisar por meio da linguagem verbal e imagética os discursos manifestados em alguns dos principais jornais digitais no Brasil: O Estado de S. Paulo, Correio Braziliense, e Portais de notícias UOL e G1, com recorte das publicações nos primeiros cinco meses da pandemia, de março a agosto de 2020. As hipóteses da pesquisa são (i) por meio de uma cultura denominada “patriarcal”, de dominação do homem sobre a mulher (Cf. Biroli, 2009)², ela está inserida numa condição de submissão que a condiciona a assumir papéis temáticos (Cf. GREIMAS e COURTÉS, 2008, p.496) como a de serviçal, por exemplo; (ii) se por um lado os discursos das mídias, seja por meio das linguagens textuais ou de imagens mostram tais problemas, por outro, em determinados momentos se reforçam esse tipo de cultura, dentro de um nível de representação ideológica e socialmente estabelecida.

Nos valem neste estudo do arcabouço teórico-metodológico da Escola Francesa de Semiótica, de Algirdas J. Greimas, e seguidores como Eric Landowski que atua no campo da sociosemiótica, entre outros estudiosos destes conceitos, e especial o que diz respeito à análise de imagens por meio dos princípios regidos pela “Semiótica Plástica e Figurativa (Greimas, 1984). Buscamos amparo ainda em obras sobre Ideologia, Cultura e Meios de Comunicação de Massa, John B. Thompson (1990), de Representação Social, Serge Moscovici (1978) e a pesquisadora da área de gênero Flávia Biroli (2016).

Ideologia e representação social

Neste ponto, trazemos autores que desenvolveram pesquisas relacionadas à temática da ideologia e respectivamente, da representação social, e os utilizamos como referência nesse estudo com foco a mulher. O sociólogo John B. Thompson, que tem inúmeras obras com reflexões importantes no campo comunicacional como “Ideologia e Cultura Moderna” (1995) e “Mídia e Modernidade” (2014) proporciona uma discussão sobre diversos conceitos de ideologia, que infere em todos os aspectos da vida em sociedade, em especial quando se trata das relações entre

² Obra sugerida pela coordenação do GT: Mídia, política e sociedade, durante a apresentação do trabalho no IX Seminário de Pesquisa da FESPSP “Desafios da pandemia: agendas para as Ciências Sociais Aplicadas”, em 11 nov. 2020.

grupos dominantes e dominados. A respeito de dominação, Thompson entende que é “quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão (desigualdade) é levada a efeito” (THOMPSON, 2000, p. 80). Em outras palavras Thompson (1995, p.79) descreve que de várias maneiras grupos que exercem domínio, incluindo a mídia, também conhecida como o quarto poder, produzem sentido que sustentam e mantêm determinadas narrativas ou “formas simbólicas”, criando um “espectro de ações” que seriam uma espécie e “desenterrar” fantasmas ideológicos, como o da dominação do homem em relação à mulher, e podem ser identificados como construtos significativos. “A linguagem utilizada desempenha papel preponderante nisso seja nas expressões, faladas ou escritas [...], por exemplo, uma imagem visual ou construto que combina imagens e palavras”. Somado a estes conceitos recorreremos ao autor da Teoria de Representatividade Social, Serge Moscovici, que segue uma linha de pensamento parecida com a de Emile Durkheim sobre “realidade coletiva”. Para Moscovici (1978, p. 25) tais princípios correspondem e se aplicam dentro de uma problemática que culmina com a representação de um pensamento que se torna coletivo, ou seja, grosso modo, se atrela ao fato de que num ambiente de dominação a mulher faz parte de uma esfera de atuação inferior, cujo modelo concebido a leva a servir todos que estão ao seu redor, por que não dizer, esquecendo de si mesma como indivíduo ou sujeito. Para Moscovici (1978) ainda, estas práticas são absorvidas e concebidas por meio de relações estabelecidas no cotidiano. No dia a dia, ditados como “a mulher consegue fazer múltiplas tarefas ao mesmo tempo”, torna-se senso comum, hábito, uma “realidade coletiva ou uma forma de representações social”. Moscovici (1978, p. 41) confirma que “as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas”. Por meio de piadinhas ou de expressões sexistas, a dominação e desigualdades se consumam. Vejamos nos levantamentos a seguir, situações que apontam e legitimam as desigualdades:

Características dos papéis representados: a matéria do Jornal O Estado de S. Paulo (2020) Covid 19: a pandemia afeta cada gênero de formas diferentes ? traz os seguintes dados baseados em pesquisa publicada na Revista Científica “The Lancet”,

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 05: Mídia, Política e Sociedade

A comparação com outras crises sanitárias é esmiuçada em um artigo publicado pelo periódico médico The Lancet. As três pesquisadoras autoras do artigo afirmam que, além de compor a maior parte da força de trabalho que combate diretamente essas doenças, as mulheres também têm papéis predominantes no cuidado de suas famílias. De acordo com análises publicadas pelo Banco Mundial, as mulheres latinas investem tempo em tarefas domésticas até três vezes mais do que os homens (O ESTADO DE S. PAULO, 2020).

A resposta para a questão feita inicialmente neste tópico está em parte na pesquisa feita pela Revista Lance, que aponta que tanto nas áreas responsáveis diretamente pelo cuidado das pessoas afetadas com covid, quanto nos afazeres domésticos, a mulher está presente em maior escala. Essas informações publicadas, além de mostrarem a sobrecarga crescente em relação à mulher por questões como já apontamos, levanta a problemática imposta na sociedade ao sexo feminino, de que as mulheres têm que dar conta de tudo, mesmo quando trabalha fora de casa e na maioria das vezes como os números frequentemente mostram, não podem nem mesmo contar com a ajuda do esposo. Esta concepção está fundada em estereótipos sociais que relegam à mulher papéis temáticos, que dentro de um programa, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 496) representam “a manifestação isotópica e disseminada de um tema”, e que dentro das narrativas construídas ao longo de um percurso, neste caso como temos tratado, inserem a mulher a um grau inferior estando submissa a determinados padrões dos quais, são difíceis de se libertar. Combina com a descrição de alguém que é serviçal, e dados do (UOL, 2020) reforçam que no quesito profissional elas ocupam as vagas consideradas mais precárias “nos setores especialmente afetados pelas medidas de confinamento implantadas para lutar contra o coronavírus, como restaurantes, hotéis, organização de eventos, salões de beleza, entre outros”. Esta característica é naturalizada e se estende nas práticas diárias, trazendo como vemos, fortes consequências em momentos de ruptura ou do inesperado, como tem ocorrido na pandemia, com a interrupção de aulas, ou atendimento em creches, por exemplo. Ou seja, a mulher enfrenta desvantagens em vários aspectos, como mostrados aqui. Quando integra maior parte da força de trabalho em áreas como da saúde, o salário não é compatível, quando está em casa trabalhando home office, desempenha muito mais horas de atividades que o marido, tanto incluindo o emprego quanto nas atividades domésticas. Se não é assim, atua em estabelecimentos que não puderam abrir durante o isolamento social e ficaram

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 05: Mídia, Política e Sociedade

desempregadas. Deste modo, faz parte do grupo mais afetado sendo este problema ampliado no período da pandemia. As imagens mais frequentes são estas como publicadas no Correio Braziliense (2020). Vejamos na (Fig.1):

Figura 1: Sobrecarga atinge mulheres durante a quarentena deixando-as por um fio



Fonte: Correio Braziliense, 2020

Nesta imagem nota-se exatamente o que falávamos anteriormente: a mulher desempenhando simultaneamente múltiplas funções: cozinhando, atendendo telefone, participando de reuniões de trabalho e cuidando do (s) filho (s). Lembra-nos da função tão naturalizada com relação à mulher de “dona de casa” ou “do lar”. De acordo com Censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, as mulheres estavam envolvidas em serviços domésticos durante 18,5 horas por semana, representando no mínimo oito horas a mais que as tarefas exercidas por homens, e não remuneradas. Segundo a notícia com o título “Sobrecarga atinge as mulheres durante a quarentena deixando-as por um fio”, esses números dizem respeito à situação anterior à propagação do coronavírus. Num estudo mais atual feito pelo IBGE (2020), esse índice passou de 18,5 para 22,7 horas semanais. Outras variantes foram observadas nesta última pesquisa do IBGE, publicada no G1 (2020), apontando indicativos que podem agravar a situação de vulnerabilidade da mulher, como: (1) dos 38 milhões de brasileiros que se encontram abaixo da linha da pobreza, cerca de 27,2 deles, são mulheres; (2) As mulheres

compõem 92% dos trabalhadores que desempenham serviços domésticos e desta porcentagem, 70% delas encontram-se na informalidade; (3) 85% das profissionais que cuidam de idosos são mulheres; (4) Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que 31,8 milhões de famílias no Brasil têm seus lares chefiados por mulheres; (7) Segundo estatística do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), quase dois milhões de profissionais da área da saúde, incluindo enfermeiros e técnicos de enfermagem, são mulheres e 45,6%, são médicas, correspondendo a 223,6 mil; (7) 56% dos idosos no país são mulheres. A partir destes números percebe-se quanta desvantagem a mulher enfrenta em todas as esferas da vida. De acordo com a pesquisadora de Desigualdades de Gênero, Flávia Biroli (2016) em sua publicação com o título: “Divisão Sexual do Trabalho e os limites da Democracia: elaborações teóricas a partir das desigualdades de gênero no Brasil contemporâneo”, as mulheres “constituem, assim, um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho não remunerado, direcionado a ocupações específicas, relativamente menos remunerado no trabalho e sub-representado”. A pesquisadora reforça “a divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens que produzem uma posição desigual para as mulheres” (Biroli, 2016, p. 721).

Existe interação entre personagens?

Trazemos à discussão nesse ponto do estudo, a matéria da Folha de S. Paulo publicada em 30 de julho com o título “Homens assumem tarefas domésticas na pandemia, mas mulheres ficam sobrecarregadas” (Stepan, 2020). A imagem (Fig. 2) mostra o desenho de uma cozinha e os afazeres relativos a este espaço da casa. O verbo assumir tem peso forte nesse contexto porque literalmente significa, segundo o Dicionário Houaiss (2009) “tomar para si; assumir toda a responsabilidade”, e sendo assim, pode transmitir a ideia de o fato noticiado pelo jornal representa a regra, não uma exceção. As exceções existem, o que é positivo, mas na realidade a situação é bem diferente do que as pesquisas têm apontado. Na imagem o homem divide as tarefas na cozinha com a mulher como deveria ser, se o mundo que vivêssemos fosse o ideal, ele não “assume”, conforme a narrativa descreve.

Figura 2: homem assume tarefas de casa



Fonte: Folha de S. Paulo, 2020

O texto diz ainda “[...] homens tiveram que arregaçar as mangas e se aventurar em uma seara histórica e culturalmente reservada às mulheres: a das tarefas domésticas”. Da forma como a sentença foi escrita, reforça que o papel de “dona do lar” é “histórica e culturalmente” construído como responsabilidade da mulher e quando “assumido” pelo homem, é visto como se fosse uma “aventura”. A reportagem ouve especialista justificando que leva um tempo para os comportamentos mudarem. É, de acordo com ela “um passinho por vez [...] colocar a louça dentro da máquina de lavar, já é um avanço [...] Depois que ele conseguir sustentar a tarefa durante duas semanas, pode ser inserido em mais uma atividade”. A própria linguagem supervaloriza a realização de pequenas tarefas por parte do homem levando a algumas reflexões ou ideias: (i) maquam a realidade (ii) como se ele (homem) pudesse se aventurar fazendo um pouco aqui e ali porque a tarefa mais árdua já tem dono: a mulher (iii) que a mulher pode, de acordo com o que dita o senso comum (Moscovici, 1978), realizar mais tarefas ao mesmo tempo, enquanto para o homem, qualquer coisa que ele faça, já representa muito; (iv) talvez esse pensamento esteja combinando ainda na cor “rosa”, que aparece de forma englobante, num todo. O rosa, pertence à construção do “mundo natural” ou o “mundo cor de rosa”, destinado, pré-estabelecido como diz o texto, “histórica e culturalmente” para a mulher. Esse mundo

está presente nas cores, nos comportamentos, nos estigmas, nos estereótipos que dificultam a quebra desse modelo, que é reforçado pelas mídias, como menciona Landowski (2012, p. 13).

São inúmeros exemplos encontrados na mídia “vendendo” a ideia que na maioria das vezes, não representa a realidade. Nesta outra foto (Fig. 3) vemos a mulher preparando comida para os filhos, atribuído e reforçando a maternidade num todo como função ou responsabilidade dela, bem como diz a legenda “Taywana Rocha cuida sozinha dos filhos gêmeos na pandemia”.

Figura 3: Mulher dando alimento aos filhos



Taywana Rocha cuida sozinha dos filhos gêmeos na pandemia **FOTO: ANA BRANCO**

Fonte: Jornal Extra, 2020

O título desta matéria é “Mulheres estão mais sobrecarregadas na pandemia por desigualdade na divisão de tarefas domésticas”. Se for comparar o que diz o enunciado e o que mostra a imagem, percebe-se uma contradição. O texto diz “mulheres estão sobrecarregadas”, enquanto na fotografia ela aparece sorrindo. Uma explicação para isso, segundo a pesquisadora de gênero Hildete Pereira, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora de gênero e economia, é a cobrança de que se faça por amor. Ela questiona “Imagine quanto se gastaria, se

fosse preciso pagar por serviços feitos “por amor”? De acordo com a pesquisadora, “a sobrecarga é reflexo da crença estrutural de que o cuidado é uma responsabilidade apenas do sexo feminino”.

Dando sequência às análises dessa problemática no âmbito da pandemia, um dos exemplos que têm se visto muito neste período, diz respeito ao homem trabalhando em casa em sistema de home office. Neste cenário, de acordo com os dados e não como mostra a exceção noticiada pela Folha, as tarefas não são compartilhadas, como vimos imbricados na carga horária dos dados do IBGE (2020). Esse padrão tem base na desigualdade que coloca a mulher em condição naturalmente desfavorável ao homem, conforme destacou Biroli (2016) e na prática, significa o mesmo que dizer que cuidar dos filhos, lavar, passar e cozinhar, é tarefa dela, que independente de ter um emprego e também ajudar no pagamento das despesas econômicas da casa, não é poupada, o que mostra não existir uma interação entre gêneros. O semiótico francês Eric Landowski (2014) ampliou o arcabouço teórico da narratividade iniciado por Greimas e com base na oposição de continuidade e descontinuidade, o autor de “Interações Arriscadas criou os Regimes de Interação”, trata de elementos como programação e manipulação, estendendo os conceitos na forma de elipse a outros regimes como ajustamento e acidente — um fundado no princípio da sensibilidade, reciprocidade e outro, no acaso ou inesperado (LANDOWSKI, 2014, p.8). Entende-se que por meio deste fenômeno estudado, se existisse intencionalidade entre sujeito e objeto, tais regimes se tornariam concretizados, uma vez que o regime do ajustamento se estabelece como, “modelo em que os parceiros da interação, sentindo a maneira de agir um do outro, vão construindo os princípios da relação” (LANDOWSKI, 2014, p.8). Só que não é o caso. Pelo menos segundo mostram as estatísticas, ainda demorará um longo tempo para que isso ocorra (Fórum de Davos, G1, 2019). Seria se houvesse uma quebra de uma programação, dando lugar ao regime do acidente, que representaria uma mudança de comportamento, e a desigualdade existente se tornaria algo do passado. Na prática, ainda não podemos desfrutar desse tipo de ruptura do padrão estabelecido há tempos. A imagem implicitamente mostra o que está arraigado na sociedade patriarcal: que salvo raras exceções, dentro desses papéis temáticos pré-definidos, o homem não desempenha esse tipo de função (de lavar, passar, cozinhar), deixando

toda responsabilidade para a mulher. Como destaca a entrevistada da Folha de S. Paulo (2020), Luciana Ortiz “é inegável que muitas mulheres têm uma cobrança maior em relação à casa e aos filhos, dificultando a atividade profissional”.

A foto é apenas um exemplo de como a mulher é representada não somente nas práticas do dia a dia, mas nas imagens que frequentemente ocupam as páginas de jornais, e se repetiram nas mídias analisadas. Greimas e Courtés (2008, p.275) e o linguista José Luiz Fiorin (2016, p. 113) atribuem a esse conceito de repetição de uma temática o nome de isotopia que “são recorrências de um traço semântico ao longo de um texto”, reafirmando de modo temático ou figurativa de mostrar uma problemática.

Destacamos outras imagens como estas, a primeira (Fig. 4) publicada pelo Uol (2020) e a segunda (Fig.5), pelo Correio Braziliense (2020), que se embasam sobre a mesma temática, da sobrecarga enfrentada pela mulher:

Figura 4 e 5: Efeitos de sobrecarga sobre a mulher



Fonte: Uol, 2020



Fonte: Correio Braziliense, 2020

Na primeira imagem o enunciado diz: “Demissões e sobrecarga: pandemia faz mulheres retrocederem na carreira”. Ademais o texto, corroborando com o que apontava a fotografia anterior, destaca: “O choque econômico da pandemia do novo coronavírus está provocando um grande retrocesso no emprego das mulheres, que perdem os postos de trabalho, são demitidas ou se veem obrigadas a cuidar por mais tempo das crianças que os homens”. A notícia relata dados de pesquisa do IBGE que: “39% das mulheres empreendedoras interromperam atividades durante a pandemia e

que a taxa de desemprego é 39,4% superior à dos homens”. Na segunda figura reitera-se tanto por meio da linguagem verbal quanto de imagem, a sobrecarga da mulher pelas múltiplas funções desempenhadas. Em ambas as figuras ficam claros e explícitos sinais de desânimo, de exaustão, de cansaço físico e desgaste, emocional da mulher, que são geradores de outros problemas de saúde, cunho forte de um machismo estrutural. E ainda quando se encontram nesta situação, muitas carregam consigo as estereotípias de que são ou estão desequilibradas, como se não houvesse justificativa para se sentirem deste modo. Outra forma de desqualificação da mulher é tornar suas angústias, menos pertinentes ou dignas de atenção.

Segundo aponta a notícia do G1 (2020) “Como a pandemia de coronavírus impacta de maneira mais severa a vida das mulheres em todo o mundo”,

As consequências econômicas e sociais da crise exacerbarão as desigualdades e a discriminação existentes contra mulheres e meninas, especialmente contra as mais marginalizadas e as que já estão em extrema pobreza (MODELLI, MATOS, G1, 2020).

Ou seja, os aspectos sociais, econômicos, culturais a discriminação em relação à mulher, após a pandemia deixará marcas mais fortes ainda, especialmente naquelas que fazem parte dos grupos mais vulneráveis economicamente, sendo fruto do que Landowski (2012, p. 33) atribui como efeitos da produção de disparidades de toda ordem, inserindo-se “no âmbito de situações de fato que têm toda a aparência de estados de coisas baseados a natureza o herdados da história e, por conseguinte, de realidades incontornáveis”.

Com o objetivo de tentar diminuir as desigualdades que tanto deixam as mulheres em desvantagem, a Organização das Nações Unidas (ONU-Mulheres) lançou logo no início deste ano (2020) uma cartilha sobre os direitos das mulheres em meio à crise (Ver gravuras 6, 7 e 8).

IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”.
De 09 a 13 de novembro de 2020
GT 05: Mídia, Política e Sociedade

Figuras 6, 7 e 8 – Cartilha da ONU com Respostas às Questões de Gênero



Fonte: Organização das Nações Unidas (ONU), 2020

Em síntese, o folheto: Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe; coloca em pauta questões como a garantia do acesso a serviços e cuidados de saúde sexual e reprodutiva, trabalho não-remunerado, violência doméstica, entre outros assuntos. O objetivo é alertar as autoridades sobre o impacto da pandemia na vida das mulheres e garantir a dimensão de gênero nas medidas tomadas durante a crise. Para conferir a cartilha, acesse o [Documento](#) disponível neste link. (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Considerações finais:

Em linhas gerais observa-se que mesmo diante de todos estes desafios que compõem o mundo da mulher, principalmente neste momento de crise referente à saúde pública, tais estatísticas são mascaradas por grande parcela da mídia hegemônica. As notícias e conteúdo são voltados na maioria das vezes apenas no tratamento da doença, no número de mortos, curados, que são importantes, claro, mas o que ressalta-se aqui, é que questões com tamanha relevância como esta parecem ser esquecidas e deixadas de lado, quando seria este um momento crucial de serem tratadas já que direta ou indiretamente interferem numa melhor condição de vida do grupo social, que como apontam as estatísticas e relatórios divulgados, é o mais afetado. Prova disso são os poucos artigos e notícias a respeito que encontramos para compor o material dessa pesquisa. Quando encontrados, ou estão fragmentados, ou não são aprofundados. Logo, fazem parte de publicações que podem ser consideradas isoladas porque apenas alguns veículos trataram deste tipo de pauta. Quando Landowski (2012, p. 33) trata de “realidades incontornáveis” trabalha sob o aspecto ou ideia de algo que não pode ser contornado ou modificado. A partir de reflexões e inquietações como essas, e da visão de tantos autores aqui confrontados, de publicações como a cartilha da ONU chamando atenção dos governos para os desafios enfrentados pelas mulheres, resta-nos sempre manter uma chama de esperança e seguir adiante empreendendo esforços nas pesquisas sobre desigualdades, para quem sabe, lá a frente, possamos contribuir na efetivação de uma tão esperada paridade de gênero.

Referências:

ASSUMIR. In: DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assumir/> . Acesso em: 25 nov. 2020.

BIROLI, Flávia; **Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência Política**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 90, Setembro 2010: 45-69.

ONU. **Gênero e Covid-19 na América Latina e Caribe: Dimensões de Gênero e Respostas**. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf . Acesso e 20 out. 2020.

Extra. **Mulheres estão mais sobrecarregadas na pandemia por desigualdade na divisão de tarefas domésticas**. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/economia/mulheres-estao-mais-sobrecarregadas-na-pandemia-por-desigualdade-na-divisao-de-tarefas-domesticas-24635711.html> Acesso em 20 set 2020.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FRAGA, Lorena. **Sobrecarga atinge mulheres durante a quarentena deixando-as por um fio**. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2020/04/26/interna-trabalhoformacao-2019,848505/sobrecarga-atinge-mulheres-durante-a-quarentena-deixando-as-por-um-fio.shtml> Acesso em 25 ago 2020.

G1. **Desigualdade de gênero no trabalho só acabará daqui a 257 anos, aponta Fórum Econômico Mundial**. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/12/17/desigualdade-de-genero-no-trabalho-so-acabara-daqui-a-257-anos-aponta-forum-economico-mundial.ghtml> Acesso em 23 set 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Jacques. **Dicionário de Semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica plástica e figurativa**. Significação: **Revista Brasileira de Semiótica**, nº 4 – jun. 1984.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Centro de Pesquisa Sociossemióticas, 2014.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MATOS, Thais; MODELLI, Laís; **Como a pandemia de coronavírus impacta de maneira mais severa a vida das mulheres em todo o mundo**. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/19/como-a-pandemia-de-coronavirus-impacta-de-maneira-mais-severa-a-vida-das-mulheres-em-todo-o-mundo.ghtml> Acesso em 20 ago 2020.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

UOL. **Demissões e sobrecarga: pandemia faz mulheres retrocederem na carreira**. Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2020/06/20/demissoes-e-sobrecarga-pandemia-faz-mulheres-retrocederem-na-carreira.htm?cmpid=copiaecola> . Acesso em 10 nov. 2020.

STEPAN, Danae. **Homens assumem domésticas na pandemia, mas mulheres ficam sobrecarregadas**. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/homens-assuem-tarefas-domesticas-na-pandemia-mas-mulheres-ficam-sobrecarregadas.shtml> Acesso em 02 out 2020.

THOMPSON, J. (2014). **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes.

THOMPSON, J. (1995). **Ideologia e cultura moderna. Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa** (4ª ed.). Petrópolis: Vozes